

VISÃO DO CORREIO

Mais tensão no Oriente Médio e os objetivos paralelos

O mundo assiste a um novo conflito no Oriente Médio, entre Israel e Irã. Ao contrário do que acontece nos embates contra o Hezbollah no Líbano e contra o Hamas na Cisjordânia, Jerusalém tem, agora, um adversário com capacidade bélica bem mais ameaçadora, capaz de colocar em risco uma maior parte da população israelense. Essa constatação forçou líderes mundiais a alertarem para a retirada de seus civis dos dois países nos últimos dias — no Brasil, comitiva de prefeitos e secretários que visitava Israel conseguiu socorro a partir da Jordânia após momentos de muita apreensão. Diante de tantos riscos para o Oriente Médio, por que Israel dobrou a aposta ao atacar o Irã? Antigos aliados, Irã e Israel hoje ocupam lados opostos no xadrez da geopolítica. Enquanto o governo do aiatolá Ali Khamenei se aproxima da China e da Rússia — inclusive com intercâmbio de tecnologia armamentista com esse último país —, a gestão de Benjamin Netanyahu sempre esteve ao lado da Casa Branca. Desde a nova escalada entre Israel e Irã, algumas observações chamam a atenção. A primeira delas é o momento em que ocorre o ataque de Netanyahu. Pressionado internamente e na comunidade internacional pela ofensiva em Gaza, o primeiro-ministro israelense enfrentou uma moção que poderia significar o fim do seu governo neste mês. Mesmo ameaçado, permaneceu. Com ao menos seis meses de sobrevivência, parece tentar criar um “fato novo” em busca de apoio popular, retirando o foco do conflito na Cisjordânia. A conveniência da nova escalada da morte não serve apenas a Netanyahu. Pode servir de moeda de troca para os

Estados Unidos nas negociações conduzidas com a Rússia para alcançar uma trégua na invasão de Moscou na Ucrânia — Trump e Putin reforçaram o diálogo nessa frente nas últimas semanas. Em um cenário de Kiev e Teerã em pratos opostos, a balança da paz pode ser alcançada nos dois embates? É uma aposta ousada, porém possível. O panorama do mais novo conflito também envolve líderes europeus, que se manifestaram a favor de Israel nas primeiras horas após o início do embate com o Irã. Como observou o doutor em sociologia e pesquisador Serge Katz em recente texto publicado na plataforma Substack, a posição adotada por Emmanuel Macron (França) e Keir Starmer (Reino Unido) é um claro alinhamento civilizacional dessas nações ao lado de Israel. Ambos veem a escalada do conservadorismo nos países que governam e, com ele, o aumento da resistência dos europeus aos muçulmanos, um fundo eleitoral relevante no mundo ocidental. A diplomacia dá lugar ao “nós contra eles”, em defesa do Ocidente. O que está evidente no novo front no Oriente Médio é, mais uma vez, o uso da força militar com objetivos secundários, ignorando completamente os danos causados contra civis — em patamares muito superiores a guerras anteriores, a partir do uso de forças aéreas que não faziam parte, por exemplo, das ofensivas dos EUA no Afeganistão e no Iraque no início do século. Milhares de cidadãos e cidadãs do Irã e de Israel perderam a vida nos últimos dias em um confronto que parece estar longe do fim. Independentemente do desfecho, é o povo que sempre sai derrotado.

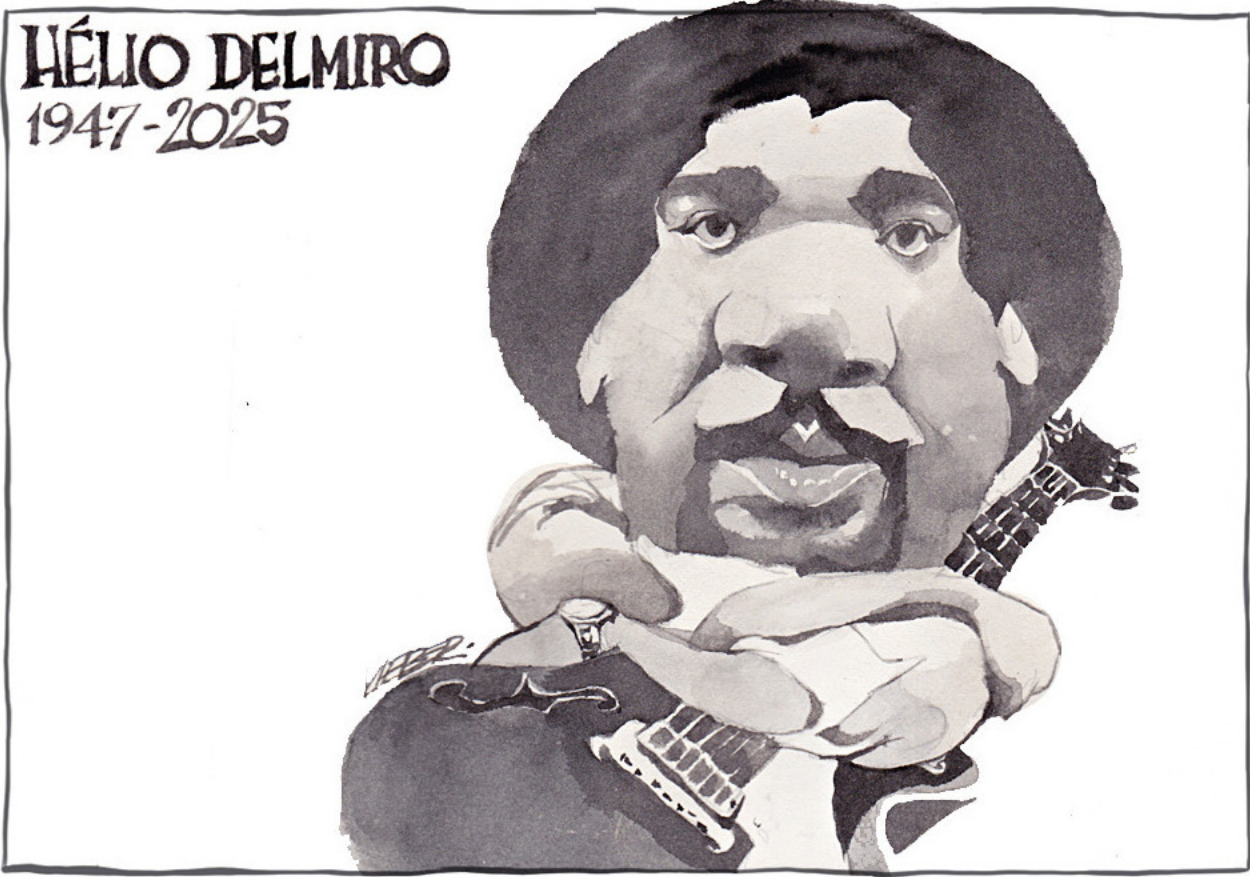


RODRIGO CRAVEIRO
rodrigo.craveiro@gmail.com

Com as mãos de Pilatos

Ao que parece, o destino do aiatolá Ali Khamenei está traçado. Tanto Israel quanto os Estados Unidos deram indicações de que não estariam interessados em um cessar-fogo. Se o desejo do governo de Benjamin Netanyahu fosse apenas o de destruir o programa nuclear iraniano, suas forças não teriam empreendido uma campanha de assassinatos seletivos de lideranças militares do regime, nem bombardeado a emissora estatal de Teerã. O objetivo é eliminar o regime teocrático islâmico, visto como uma ameaça à supremacia militar de Israel no Oriente Médio. Tudo com a anuência de Donald Trump, que se revestiu de Pôncio Pilatos e “lavou as mãos” para a campanha militar israelense contra o Irã. Em uma de suas mais recentes declarações, o titular da Casa Branca disse não procurar um cessar-fogo, sinalizou a indisposição em negociar e admitiu que busca o fim do conflito. Na segunda-feira, Netanyahu declarou que a paz depende da eliminação de Khamenei. A guerra iniciada unilateralmente por Israel tem consequências imprevisíveis. Apesar de os Estados Unidos supostamente não terem envolvimento direto com os ataques ao Irã, a anuência da Casa Branca e as declarações explosivas de Trump podem amplificar o antiamericanismo no mundo e colocar interesses dos EUA como alvos de grupos terroristas e milícias xiitas. Por atacar o Irã, Israel — envolvido na

matança de inocentes em Gaza — corre o risco de alimentar o antissemitismo e fomentar o extremismo. A potencial derrubada de Ali Khamenei e de seus asseclas lançaria o Irã em um vácuo de poder, o que poderia transformar o país em um celeiro do terror. Basta lembrarmos o que aconteceu no Iraque após a queda, prisão e execução de Saddam Hussein. Israel assinala que a guerra trava contra o regime dos aiatolás é existencial, porque o Irã estaria a ponto de produzir armas nucleares. Qual é a prerrogativa para que Israel mantenha seu arsenal nuclear e exija de países da região que se abstenham desse tipo de armamento? A garantia da soberania militar e da dissuasão atômica? Existia a perspectiva de um acordo nuclear e o desejo do Irã de negociar, ainda que as primeiras tratativas tenham fracassado. O ataque ao Irã sepulta qualquer possibilidade de acordo e, segundo especialistas, deve incitar o país a buscar o quanto antes a bomba atômica, por questão de sobrevivência. Netanyahu pensa a campanha militar como uma possibilidade de se projetar como o líder que salvou o Oriente Médio da ameaça iraniana. De quebra, acredita que possa melhorar a imagem minada pelo massacre com características de genocídio em Gaza. No fim das contas, tudo é questão política. O tiro pode sair pela culatra, ante o risco de Israel estar preparando uma armadilha para si mesmo.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Ensinar a pensar

Alguns fenômenos estão sujeitos a um destino inevitável. O corpo de um animal desenvolve-se segundo um código genético impresso na grande célula que lhe dá origem. A árvore, que hoje nos fornece sombra, estava prevista na semente da qual brotou. Um universo inteligentemente organizado como o nosso tende a gerar consciência capaz de entender a inteligência que o organiza em cosmos inteligível. Toda espécie dotada de consciência está destinada a conquistar domínio pleno da sua faculdade de pensar, partindo de rudimentos inferenciais mínimos e evoluindo em discernimento, até ser capaz de entender a totalidade e a própria arquitetura da existência. Dado que agimos segundo o nosso discernimento, agimos mal por entender errado. Quando é que a meta principal do nosso sistema de ensino, em lugar de ensinar o que pensar, será ensinar como pensar correta, autônoma e metodicamente?

» Rubi Rodrigues
Octogonal

Judiciário

Recente notícia dá conta de que a Corregedoria do Conselho Nacional de Justiça limitou o pagamento dos chamados “penduricalhos” a magistrados ao valor de R\$ 46,3 mil mensais, que é o teto do funcionalismo público. Com tais verbas, houve, em 2024, pagamento de salários em até R\$ 678 mil líquidos, em um único mês. Cabe esclarecer que tais verbas não vão para todo o funcionalismo do Judiciário, são benefícios apenas para juízes e desembargadores. Sem entrar no mérito desses pagamentos e nada contra magistrados, ocorre que, como o orçamento do Judiciário é único, englobando salários de juízes, desembargadores e dos demais servidores, o pagamento de elevados salários ao alto clero acaba mingando a parcela destinada aos demais servidores. E o que pleiteiam os demais servidores não são penduricalhos, mas apenas recomposição salarial ante inflação acumulada de vários anos. Em todo esse contexto, vale perguntar se os magistrados estão, pelo menos, apoiando a causa de seus auxiliares na Justiça, que, muitas vezes, elaboram e digitam as suas decisões judiciais.

» Marcos Paulino
Vicente Pires

Greve

A decisão do governo de cortar o ponto dos servidores em greve pode parecer uma medida simples e punitiva, mas, na prática, carrega uma enorme complexidade administrativa que compromete a própria gestão pública. Para aplicar esse corte com justiça e precisão, seria necessário um levantamento minucioso caso a caso: identificar quem aderiu à greve, um por um, dois ou mais dias, quem esteve de atestado médico, quem esteve de teletrabalho autorizado ou mesmo quem já tinha compensações agendadas. Essa triagem não é automática. Trata-se, portanto, de uma fala autoritária, revestida de simplicidade, que desconsidera a máquina complexa e já tensionada do serviço público, transferindo ao setor administrativo um ônus pesado, burocrático e passível de erro. Tudo em nome de um gesto político que, na prática, mais atrapalha do que resolve.

» Vanderlei Souza
Brasília

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

China e Coreia do Norte não são exemplos de democracia e têm armas nucleares. O Irã, assim como o Iraque, estão entre os maiores produtores de petróleo do mundo. Coincidências não existem.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Paz na Terra, entre todos os povos, em nossos corações. Paz e bem a todos!

José R. Pinheiro Filho — Asa Norte

Mulher é presa ao xingar homossexual. Eu pensei que, na vida após a covid, as pessoas seriam mais misericordiosas... Parece que todo mundo enlouqueceu de vez.

Luciara Costa — Brasília

Congresso derruba veto e garante pensão especial às crianças com microcefalia, vítimas do vírus da zika. Inacreditável! Parlamentares fazendo o bem a quem precisa de ajuda.

José Carlos Vieira — Sobradinho

Mais um caso de gripe aviária é confirmado no Zoológico de Brasília. Dizem que não há motivos para pânico, mas, ainda assim, o GDF deveria reforçar mais essa orientação. Daria até para aproveitar o momento e lembrar que é tempo de vacinar contra a gripe!

Marlon Barros — Cruzeiro

Mais deputados

Foi aprovada pela Câmara e agora está no Senado a ampliação de 513 para 531 o número de deputados, quando o ideal será reduzir para 351, ou menos ainda. A bola está com os senadores, que deveriam alterar, reduzir para 351 e devolver para a Câmara. É preciso cortar gastos, não aumentar. A culpa é nossa, nós, eleitores, que elegemos deputados e senadores que priorizam os interesses pessoais e partidários em vez de priorizar o Brasil.

» Humberto Schuwartz Soares
Vila Velha (ES)

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS * SEG a DOM
Localidade	SEG/SÁB	DOM	
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp			
* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991 58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1588.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1588.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br